

Máquina mortífera e cheia de graça

‘Agentes Muito Especiais’ inaugura a temporada 2026 dos potenciais blockbusters nacionais, abrindo caminho para dramas, thrillers, filmes infantojuvenis e neochanchadas



Laura Campanella/Divulgação

‘O Diário de Pilar na Amazônia’ tem Lina Flor e Nanda Costa



Mariana Vianna/Divulgação

‘(Des)Controle’, de Rosane Svartman e Carol Minêm, foi selecionado para o 46º Festival de Havana

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sob as bênçãos de Paulo Gustavo (1978-2021), o primeiro (potencial) sucesso nacional de bilheteria de 2026 levanta a bandeira do orgulho queer, com bom humor contagiante, a fim de debelar ranços conservadores que disfarçam (quase nada) a homofobia da família tradicional brasileira: “Agentes Muito Especiais”. O astro da trilogia “Minha Mãe É Uma Peça” (2013-2019) criou com o ator Marcus Majella o argumento desse longa-metragem, que cresceu e deu liga, sob o fermento da resiliência ao preconceito, tornando-se um thriller cômico divertidíssimo. A estereotipia e a intolerância estão entre seus alvos.

Hábil na lanternagem do filão (oitentista e noventista) “dois policiais” (Two Cops), nos arquétipos “tira durão e o tira bonzinho”, muito bem representado por sucessos como “Máquina Mortífera” (1987), a produção dirigida por Pedro Antonio estreia nesta quinta com fome de milhão. Majella entra cena ao lado de Pedraca Monteiro, numa



Desiree do Valle/Divulgação

Ingrid Guimarães e Mônica Martelli durante as filmagens de ‘Minha Amiga em Portugal’



Divulgação

Antônio Fagundes no set de filmagens de uma nova versão de ‘Deus Ainda É Brasileiro’

alquimia à la Tom Hanks e Dan Aycroyd em “Dagnet – Desafiando o Perigo” (1987), para protagonizar uma trama de tiro, pancada e riso, com espaço para afetividades.

“Para fazer comédia, é necessário um senso de observação do mundo. O riso vem do olhar do querer, não do olhar do poder”, disse Pedro Antonio ao Correio da Manhã no set “Um Tio Nada Perfeito 3”, que filmou no apagar das luzes de 2025, preparando a estreia de “Agentes Muito Especiais”. Nos novos tempos, o que aumentou foi o senso crítico em torno do ‘eu posso’ e, portanto, certas violências simbólicas que se praticavam antes, às vezes sem serem percebidas, acabaram... ou estão sob alerta. Eu busco um tipo de comédia onde a graça vem do dia a dia, onde o violento é a dificuldade de sobreviver que nos cerca. A risada que eu busco está a serviço da afetuosidade.”

Com êxitos de bilheteira no currículo (“Tô Ryca”, visto por 1,1 milhão de pagantes há quase dez anos) e uma série de sucessos nas franjas do pop (entre eles, “Evidências do Amor”, com Fábio Porchat e Sandy), Pedro Antonio teve na “Sessão da Tarde”, da TV Globo, uma escolas das mais essenciais para a formação de seu olhar. Filho da produtora Gláucia Camargos e

do cineasta Paulo Thiago (1945-2021), o diretor chegou a estudar técnicas circenses de palhaçaria, para entender o âmago da gargalhada com mais precisão. No entanto sua (faustosa) cinefilia vem das reprises dubladas pela BKS, a Herbert Richers, a Telecine e a VTI, nos anos 1980 e 90. Os filmes sobre parcerias insólitas, com heróis de temperamentos distintos, exibidos pelo Plimplim cimentaram a trilha dramática de “Agentes Muito Especiais”, roteirizado por Fil Braz.

Tudo no longa começa quando o destemido investigador Jeff (Marcus Majella, hilário) resolve prestar exame para o Centro de Operações de Inteligência da Polícia (COIP), uma espécie de BOPE, o Batalhão de Operações Especiais, da Polícia Militar (PM) carioca, retratada em “Tropa de Elite” (Urso de Ouro de 2008). Em meio às provas, ele conhece o guarda Johnny (Pedroca Monteiro, com ares de Jacques Tati), um funcionário público medroso e atrapalhado, que vive sob os cuidados da mãe. Jeff peitou violências de ontem, de hoje e de sempre e “saiu do armário”. Já Johnny segue recatado, virgem, sem assumir sua orientação. Quando eles se encontram, há uma mudança mútua, como é típico de uma dramaturgia